

MÁRCIO CATUNDA
NATALÍCIO FILHO



POEMAS DE HOJE



Ósio Camargo

Natalício Filho é poeta que conheço de perto, amigos que somos já há algum tempo. Acompanho-o desde seu primeiro livro, a modesta porém significativa brochura "Os Deuses e o Deus," em cuja seleção de poemas lhe prestei algum auxílio. Agora, após recente desistência de lançar um volume de contos, volta o incipiente escritor à publicação, isto em parceria com outro poeta de seu nível, o jovem advogado Márcio Catunda, espírito inquieto e dinâmico. Ambos, juntos, "atacam," se assim se pode dizer, de "Poemas de Hoje," título simples, despretencioso, mas imbuído de evidente significado, o que para mim indica maturidade, visto que nós, jovens — sou um deles — somos afeitos a títulos bizarros, surrealistas, que, sejamos francos, nem sempre precedem avaliável conteúdo.

Nascido no campo e precocemente iniciado nos clássicos, logicamente Natalício Filho não deixará de isto refletir, embora, o que é muito importante, já tenha ele se integrado à moderna poesia, isto admitindo. Seu telurismo, sendo ele um rural, está patenteado no poemeto "Um Pastor no Campo," extraordinária metáfora da metrópole em relação ao campo. Anda ele às voltas, também, com o estigma do Amor, este eldorado há tanto almejado mas tão fugidio, e, em outra magnífica metáfora, o poema "Em 30 Graus," inscreve-o em terrível cronicidade. Ao lado de esvanescentes versos da infância, clama o poeta inexorável indagação ontológica, assim se assumindo: "Nada sou, senão a fé de que sou/algo silencioso e escondido." Vivificando a natureza, como se veemente e ascético panteísta, o rapaz petrifica-a ao cantar o cotidiano, seja versejando o tão inspirador crepúsculo; seja meditando sobre que cores toma sua rua ao áureo sol de verão.

Está Natalício Filho em evidente fase de transição, o que se traduz em sua rica e colorida temática, às vezes, num só poema, abrangente quanto ao objeto do canto, como se quisesse em sua lira louvar todo o universo. Vemo-lo antológico e amargo, porém sereno, a monologar milenares verdades ante uma estátua pétrea, como se absorto asceta de olhos nirvanamente estriados. "Cálculos no Ar," monumental poema aliás a mim oferecido, é sarcástico e irônico canto à fragilidade do bicho-homem, que, aliado à máquina, pensa ter às mãos as estrelas de Bilac, quando o que se verifica são "Falsas afirmações providas/da esperança das raízes/e do engano das palavras/mortas e frias nos lábios matemáticos." Conclui o poeta, pavoroso lamento em escala cósmica: "Ai esta solidão de máquinas/rangendo no espaço, esta sombra de cabeças pensantes/eclipsando o brilho das estrelas." Crassa mácula a embaçar o cosmos, é o que somos segundo o poeta. Antológicos e apocalípticos, estes dois últimos versos!

Nada mais direi sobre Natalício Filho. Seus versos o credenciam. Apenas volto a reiterar: encarna ele a criança que, na praia, descobre o fazer castelos de areia e, entusiasmada, passa a erigi-los com paixão. Foi o que sucedeu a este jovem enamorado da Poesia...

Nemésio Silva Filho

ANGÚSTIA E REBELDIA: OS NOVOS TEMPOS DO VERSO

no momento atual em que encontramos o homem preocupado diante dos problemas do mundo, vez que estamos a atravessar uma época de insatisfações, de violências, de grandes polêmicas, de inumeráveis contradições, a arte — sofrendo, como sempre sofreu, reflexos dos acontecimentos históricos — veste nova roupagem, abandonando os velhos moldes e se apresentando agressiva, para se mostrar condizente com a própria realidade ambiental. assim é que, como projeção da própria arte — elemento mais geral — encontramos uma literatura rebeldia, uma poesia polêmica, sofrida ou mesmo angustiada e um poeta insatisfeito, voltando a sua preocupação para a sociedade e para os destinos do homem, na tentativa vã de guiar a humanidade.

este é o período da chamada geração perdida, com seus poemas marginais, caracterizada, principalmente, pelas próprias contradições de lirismo e agressão. esta é a fase da poesia-arma, da poesia-escudo, do amor-escudo-arma-poema. é a geração do entre e do após vietnam. as bombas de my lai explodem em cada verso e cada palavra é uma verdadeira detonação. o verso fere e rasga como a própria linguagem de nossos dias.

"A todos foi legado o direito ao teto
Ainda que de esmola em súplica
A todos foi concedido o caviar
Em que pese a migalha dos flagelados
A todos foi cabida a culpa da profanação
A despeito da penitência imposta
A todos foi permitido o acesso ao inferno
Posto que não se define em qual."

(TEOLOGIA SOCIAL)

como reflexo desses novos tempos, do atual estágio histórico, encontramos a poesia-rebeldia de pádua lima, natalício barroso, de eurico bivar, de márcio catunda, dentre outros.

"Qual dos dois o louco
Qual dos doidos o médico
Qual dos loucos o doido?" (DIAGNÓSTICO)
"Precisamos todos reconstruir o mundo
Hoje apodrecido e estéril
Como uma árvore sem raiz."

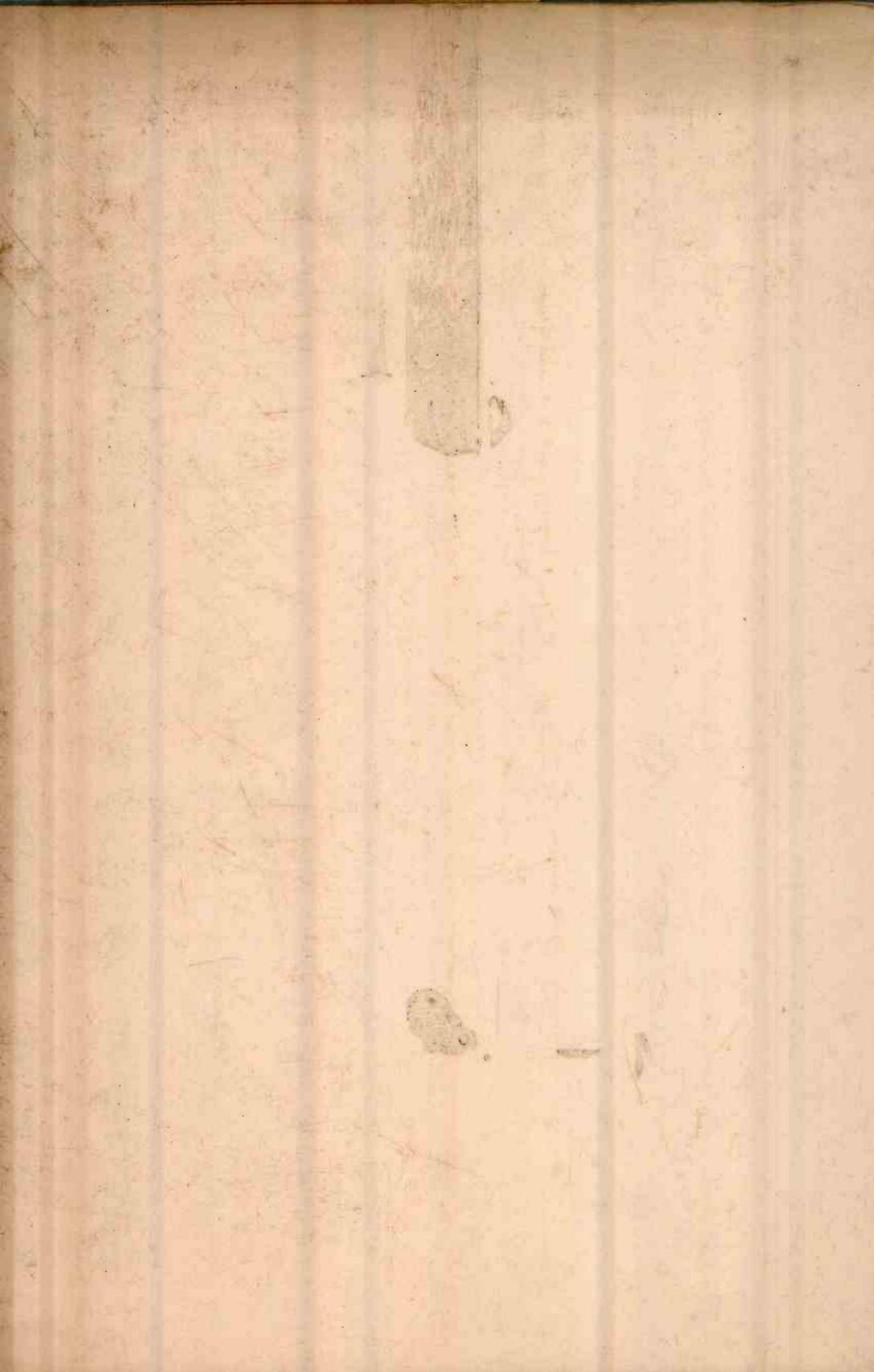
(CONCLAMAÇÃO)

"Não esperarei a safra dos versos maduros
Com metros e rimas da cor da lua.
Não cantarei o futuro dos ultrapassados;
Não envergarei o pijama dos acomodados."

(POÉTICA II)

o verso, pois, de márcio catunda é a própria indefinição dos tempos, a própria rebeldia dos novos tempos e, por isso mesmo, reflete a própria angústia, como um grito forte de um que se quer impor, anunciando uma nova aurora.

(rembrandt esmeraldo)







Márcio Catunda — Natalício Filho

**POEMAS
DE
HOJE**

Impresso e Composto na

GRECEL — GRÁFICA EDITORIAL CEARENSE LTDA.

Rua Rufino de Alencar, 109 — Telefone: 231-8258

60.000 - Fortaleza - Ceará

1977

DOIS POETAS

O PRIMEIRO

Márcio Catunda é um jovem poeta aparentemente tranquilo. Sobre-lhe paz de espírito num lar material e moralmente ajustado. Em suas estantes, reúnem-se os maiores escritores e os menores poetas do Brasil e do estrangeiro. Sem fim a sua tome de ler e de aprender.

Mas a vida do poeta-poeta moço, que há de ser grande, em futuro breve, sente-se — e com que força! — as dores do mundo. É o que nos parece o mundo atual, com as suas lutas entre pretos e brancos nos Estados Unidos, na África do Sul e na Rodésia? Com as guerrilhas africanas arrancando antigas colônias aos Imperialismos, com punhos de ferro? Com a fome e a falta de liberdade, lado a lado, nos países do Terceiro Mundo? Com as estradas, as locomotivas e os navios ameaçados pelo alto e crescente custo dos combustíveis? Com Israel — a nação-escola — mostrando a todos os sexos em pé de guerra, no mais dramático esforço de sobrevivência e a servir de pasto aos interesses ideológicos e econômicos de duas super-potências? Com a bomba atômica suspensa sobre os povos de toda a terra, na trágica expectativa de tudo transformar num montão de escombros? Com o neo-colonialismo, clinicamente mascarado, a fingir solidariedade humana, solidariedade internacional, na exclusiva finalidade de domínio político e econômico Com o total desrespeito aos direitos humanos?

Ora, as “dores do mundo”, concretizadas na síntese de desgraças universais de que acabo de falar, se influem sobre políticos, militares, proletários e burgueses, poderia deixar à margem as criaturas mais sensíveis deste mundo, que são os poetas? Hoje, em toda poesia-lírica, modernista, neo-modernista, surrealista, a tragédia do homem não deixa (nem poderia deixar) de vir à superfície, ora timidamente envolvida em sombras que não escondem a realidade, ora em protesto claro e gritante!

Principalmente entre os jovens e, de preferência, os que nasceram poetas esse protesto é tão alto, que chega a amedrontar regime fortes na aparência.

Não tracei, até agora, o perfil pessoal do poeta-poeta perdido entre milhares, em todos os cantos da terra, em todas as raças, em todos os povos famintos de pão e de liberdade. Quero deixar que Márcio Catunda

se retrate a si mesmo, com a tinta forte das suas idéias e a música de guerra da maioria de seus poemas. Diz Catunda:

“A mim não me interessa a palavra como escudo.
Prefiro utilizá-la como lança.”

Aí não vai todo um estado de alma, que é o mesmo na maioria dos poetas moços de todo o mundo? E esta verdade nua, adivinhada com os olhos da alma e do corpo, não poderia ficar em branco:

“Festas ruins, todos passam, na expectativa da hecatombe
[inesperada.”

Pergunto: “inesperada” por que ninguém a espera? Respondo: inesperada apenas em relação ao minuto, à hora, ao dia, ao mês.

Referi-me à paz de espírito num lar moral e materialmente ajustado. Mas também falei de um poeta jovem que sentia as dores do mundo atual, mais fortes agora do que nos séculos passados. Pois o poeta aparentemente tranquilo, dentro da paz desse lar, é quem fala assim:

“Pudesse eu sofrer um pouco a vossa mágua sem revolta,
Sem jamais o desencanto de não ter destino.
Pudesse eu sorrir esse riso de conformação,
Sem ignorar que o vosso alimento são os restos do meu
[banquete,
Que o luxo de minha mansão é a miséria do vosso casebre;
Que o conforto do meu leito é a imundície das calçadas,
Onde vos abandonais humilhados, súplices e desgraçados.”

Neste passo, o poeta sofre por milhões de jovens:

“A minha geração será a última a suportar a dor de existir.”

E aqui esta ternura de um lirismo dorido:

“Um verso que tivesse a aflita súplica de um pássaro
[ferido...”

Comoveram-me estes versos, a mim dirigidos:

“Ó príncipe do lirismo e da revolta,
Um dia este povo proscrito cantará o teu poema de protesto.”

Cancele-se a palavra “príncipe”. O resto penso estar certo. É uma profecia quase de fundo bíblico.

É, para terminar, copio o grande poeta de amanhã, agora já fiel às dores dos homens, dos povos e das raças:

“Há, no entanto, formas rudes de silêncio:
O silêncio forjado à custa do látego e da mordação.”

O SEGUNDO

Natalício Filho é um poeta lírico, marcado de lembranças. Sua melancolia, como a de todos os poetas de hoje, tem as raízes na tristeza universal, num mundo onde nada existe de bom. Não afirmo seja um mundo sem esperança, porque, uma vez por outra, em caminhos molhados de sangue, os povos oprimidos se mudam em povos livres. Em “Barco de Papel” não perpassa uma nota alegre: tudo é mesmo a negação da alegria:

“Barco de papel da criança sem mãe.
Emoção de criança pobre”.

Se não esquece o homem que ama, também não ignora o destino do homem pobre, do proletário. Seu lirismo, às vezes contraditório e amargo, não poderia fugir à influência da angústia universal, na hora que passa. Aliás, a fonte de lirismo não deve ser apenas fruto do amor entre o homem e a mulher, ao embalo dos sentimentos da alma e do coração que se encontram nos caminhos românticos do idílio. Muita vez, existe mais lirismo numa guerrilha libertadora do que num lenço molhado pela saudade.

No poema “Cálculos no Ar”, o poeta segue rumo diferente:

“Falsas afirmações de números e letras
que se guardam vivas na mente
cansada dos homens.”

são idênticas a

“Falsas afirmações provindas
da esperança das raízes
e do engano das palavras
mortas e frias nos lábios matemáticos”.

Trata-se, como se vê, de versos um tanto fechados, um tanto esotéricos, pois fogem à necessidade da comunicação, principalmente na poesia

Em “Cristo de Pedra”, enleva-nos este grande verso:

“Somos duas estátuas unidas por lembranças antigas”.

Em "Poema Lírico", surpreende-se mais pessimismo do que a suave e terna alegria do amor:

"E morreremos sem que o Universo se modifique
E vale bem a pergunta:
Que adiantaria mesmo nosso amor?"

Verdade que a alegria deixou de existir para todos, num mundo só de fome, só de opressão, só de sangue a correr?

Confesso, para que todos saibam, que há menos alegria num beijo a nascer entre duas bocas do que na notícia de rádio, de jornal, de televisão, de que Angola, tão do nosso sangue, afinal é uma nação livre. E também que seu presidente é um grande poeta; poeta que não é branco e corado como Carter: o mulato Agostinho Neto...

Jáder de Carvalho

MÁRCIO CATUNDA

SOBRE MÁRCIO CATUNDA

Natalício Filho

Márcio Catunda é um poeta que corre de Vinicius ao russo Maiakovski. Pouco se apercebe que há religião. Preocupa-se mais com o mundo: O mundo amedrontado com sua própria tecnologia, o mundo que tem homens como Idi Amim, Indira Gandhi e que gerou uma guerra vietnamita. Com o mundo indiano, miserável, e com tantas Injustiças pesando-lhe. Por isso que sua pena é uma "espada" muitas vezes, sem escorrer para o irreal, o subjetivismo alienado. Não lamenta... grita, revolta-se, propõe, pela luta, a paz, pela coragem, a morte se necessária, que é sempre uma vitória.

O poeta perdido pelo asfalto, pelas praias, nos bares, leva consigo a mensagem lírica dos estetas. Leva também consigo aquele fogo revolucionário e o coração às vezes cáldo, outras febril, quai as sinfonias de Beethoven.

"O poeta vive dialogando com o estranho. Por isso o poeta é sempre crítico. Sua obra é julgamento, apreciação do-que-está-aí a partir de uma abertura que ainda não é."

Arcângelo Buzzi

O NOSSO DESTINO

Qual o nosso destino?

Saciar-mos a fome na lama destas ruas,
Fomentarmos o desespero na podridão do nosso silêncio
Ou no esterco destas consciências?

Resgatarmos com o nosso próprio sangue esse falso tributo,
Atearmos o fogo da fúria negra africana
Ou tombar-mos nas trincheiras do Oriente-Médlo?

Afinal, qual o nosso destino:

A opressão ou o estouro da boiada?

CONCLAMAÇÃO

Para Rembrandt Esmeraldo

Precisamos todos reconstruir o mundo
Hoje apodrecido e estéril
Como uma árvore sem raiz.
Precisamos todos refazer a felicidade
Com nosso entusiasmo de jovens fortes e lutadores.
Precisamos mudar esse destino
À custa de força e de paixão.
Precisamos alcançar o novo porvir;
Precisamos cantar, sorrir e protestar
E amar as coisas novas
E revogar todos os dogmas e todos os cânones
E tudo o que já não serve mais:
É que o sentimento da Justiça vive dentro de nós mesmos
E a confiança em nosso poder
Conquistará um futuro menos vil e menos infame.
Como Heráclito, o obscuro filósofo, direi apenas:
Panta Rel: Tudo muda.

POEMA PARA JÁDER DE CARVALHO

Reunam-se as armas e imponha-se a violência
Contra a austera palavra da Justiça.
Alimente-se o mundo dos vermes da corrupção,
Conquanto se deva erguer um monumento à Dignidade.

Enclausurem-se as almas no cárcere da hipocrisia!
Mas um dia esta juventude sequiosa de liberdade soerguerá o teu trono,
Ó príncipe do lirismo e da revolta,
Um dia, este povo proscrito cantará o teu poema de protesto:
Só temo que então seja tarde demais
Para acordar os verdadeiros heróis da Terra Bárbara.

BALADA DO MENDIGO

Quem aplacou o teu sofrimento
Nas noites em que o teu corpo resvalou nas ruas?
Quem acalentou essa alma desfeita em trapos,
Neste leito de infortúnios?

É que vejo semelhantes os nossos caminhos:
Cravam-te farpas no peito.

Por que a fraternidade mergulha em fezes?
Por que todos emudecem com medo?
Quem, dentre vós, há de cantar a esperança?
Quem, dentre nós, ainda terá esperanças para cantar?

POÉTICA I

Não me importa a frigeidez do inverno
Nem o apocalípse do amanhã:
Hei de romper as algemas dos punhos;
Hei de esmagar a escravidão do silêncio,
Talvez eu pague com a minha própria morte,
Mas hei de cantar sempre o meu martirizado canto.

POÉTICA II OU NOVA POÉTICA

Não esperarei a safra dos versos maduros
Com metros e rimas da cor da lua.
Não cantarei o futuro dos ultrapassados;
Não envergarei o pijama dos acomodados.
Também não me importa a intimidade dos críticos,
Nem me reclinarei sobre o verso impotente como sobre um cajado.
Quero antes o ímpeto dos ritmos contundentes;
Antes pegar de uma espada para romper caminhos
Que valer-me do cajado para apoiar o corpo sem fibra,
A descer cambaleando, como os que teimam na embriaguez senil,
Prefiro sucumbir de súbito e em definitivo
Ante a suspeita de ruminante involução:
A mim não me interessa a palavra como escudo
Prefiro utilizá-la como lança.

O SILÊNCIO

O silêncio que suavisa os sentimentos recônditos
Na névoa das manhãs;
Que apascenta os desesperos
Nas cantigas tristes do mar;
O silêncio metafísico dos caminhos;
O silêncio dos andarilhos
Que seguem lentamente
Fitando, ao longe, o sonho das rosas pensativas...
Há, no entanto, formas rudes de silêncio:
O silêncio forjado à custa do látego e da mordança...

PROFECIA

Como o bardo maior eu também senti o gênio da poesia dentro d'alma.
Apenas não tive tempo para beber perfumes na manhã de sol:
A vida fez de mim o homem cético
E só a minha agudíssima hipocondria,
Pode arrastar-me desta cidade desvairada,
Desta cidade que tem pressa de morrer.

Por trás dos vidros embaçados de um carro
Eu fujo e me escondo, louco da minha angústia.
Sou mais um ser estonteado pelas vertigens do nosso tempo;
Luto pela conquista das batalhas cotidianas,
Mas a fumaça que me turva os olhos
Obscurece as esperanças últimas do provir.
Ninguém mais subsistirá a este holocausto social;
Ninguém mais resistirá à avalanche do terror contemporâneo:
A minha geração será a última a suportar a dor de existir.
Depois, o sangue dos que sobreviverem inundará a Terra,
Como se fosse o novo Dilúvio...

A ALIENAÇÃO DO RISO

Para Barros Pinho

E todos andam sorrindo à espera do sacramento.
Em face do escárnio dos hospitais e dos cárceres.
Diante da humilhação dos corpos mortificados,
Todos pagam o preço da submissão.

Cada templo é um antro para a mendicância.
Cada metrópole é um claustro para a fome.
Cada grito reprimido é uma exortação à covardia.

E todos andam sorrindo este riso hereditário
Que lhes foi legado através dos séculos,
Pelos sortilégios ancestrais deste povo.

NOTURNO

Noite que espalha maus presságios ao longo das ruas;
Que se desespera nos hospitais de salvação;
Que explode no terror dos campos de batalha;
Que repousa irônica nas funerárias universais;
Noite das grandes verdades sem sonhos.
A noite será sempre a minha única realidade:
Porque há gritos de tédio em sua serenidade;
Porque há prenúncios de eternidade em seu silêncio
E em seus ásperos olhos há mistérios
Que transcendem a angústia dos dias e dos meses
E em sua essência existe a síntese última de tudo:
Porque será sempre noite na escuridão das almas.

TRÊS RUMOS DO POETA EM FACE DA VIDA

1. Na Insensatez de todos os destinos,
Pôs-se a fitar uma estrela
Que desapareceu.
2. Caminhou a cidade inteira,
À procura de um jardim;
Colheu a rosa mais branca
E a ninguém pôde ofertá-la.
3. Reduziu toda a existência
À angústia do ceticismo:
— Porque viver é apenas uma imensa ironia...

ELEGIA

O mistério da morte se espalhou na tarde...
Vejo nos reflexos trêmulos do infinito
Que o perigo das praças e das ruas é que me atormenta assim.
Porque te vejo de súbito nas horas mortas da meditação
Porque sinto que o tempo não decompõe a lembrança.

A angústia abateu-se implacavelmente sobre mim:
A serenidade do vento, que a tudo leva misteriosamente,
Só não apaga do peito a cicatriz da saudade.
A estrela perdida ressurgiu mas não me transportou a ti:
Apenas me fez sentir o desespero de tua presença.
Há um suspiro angustiante de recordação em todas as coisas.
Ainda as mesmas palavras vagas são pronunciadas

[nos ruídos espaçados da tarde;
Os mesmos olhares aflitos são lançados contra o meu olhar em alucinações
E, através de paisagens espiritualizadas,
Segue a ilusão do meu pesadelo quase consciente.
Quanta atrocidade na violência que nos destrói a esperança!
Quanta surpresa no impacto que nos arrebatou a ilusão!
Pelas ruas todos passam na expectativa da hecatombe inesperada
E hoje as noites são mais longas que toda uma existência de tédio.
Vejo nos rostos contrafeitos a perspectiva do golpe devastador:
Resta-nos ainda o afeto de quem nos fez sorrir.
Chegará o dia em que restará algo de nós?

CANÇÃO DO APÁTRIDA

Todo dia é dia da minha partida
Ela já faz parte do inevitável:
Está em minha vida como a morte.
Todo dia é dia para o vôo da ave errante.
Quando há estio, quando há predestinação.
A natureza ensinou-me esse destino andarilho:
Fez-me nômade para seguir viagem — o mundo é meu lar.
Tenho nos olhos o fascínio de paragens ilimitadas;
Eu nasci para descobrir horizontes perdidos;
Nasci para ter nos pés a poeira de todas as pátrias;
Eu seguirei sempre o meu caminho pelas regiões do sonho
E estarei sempre na vida como astro errante
Em órbita na imensidão de mim mesmo.

A VERDADE SEGUNDO O POETA DISSOLUTO

Onde jaz a Verdade?
Também não me apontaram tão intempestivo horizonte:
O instinto da sociabilidade humana,
A dialética da lógica
Nada mais me paga a insônia dos sentidos.
O universo diluiu-se num sonambulismo inerte...
Talvez a Verdade defluísse na propedêutica de Kant
Ou — quem sabe? — a Verdade não é o ser-poeta?
A Verdade existiria nas atitudes ingênuas?
No amor, na felicidade, ou em todas as maneiras afetivas?
Talvez contida num tratado de paz entre nações,
Talvez intrínseca na filosofia cristã,
Quem sabe circunscrita na moral cética,
Na concepção gnóstica do Ser,
Ou no niilismo de tudo?
Tens razão, Poeta:
A Verdade é o ópio que se bebe sem saber porquê!

ENIGMA

Se se pudesse percorrer o infinito dos infinitos,
Quem sabe a desconhecida surgisse envolta em sua nudez perpétua
E por um segundo aplacaria todo o sortilégio humano;
Haveria consolação para os desgraçados.
Haveria esperança para os malditos.
Porém numa fugacidade tal
Que poucos a contemplariam
Intempestiva e súbita — como o sol da meia noite.
Como estrela da tarde
Surgiria à hora indecisa do crepúsculo;
Como sereia de mares desertos,
Apareceria noctâmbula pela noite adentro.
Pelas cores do arco-íris, viria nos albores da primavera.
A deusa por quem o instinto humano anseia tanto;
Por quem todos os homens se matariam de perplexidades
Mesmo muito antes de tê-la concebido;
A mulher que não aparece em revistas,
Não frequenta praias nem cinemas;
Nem sequer possui corpo visível
Que sacie a angústia universal dos homens tristes;
Temos, não obstante, a convicção de sua existência;
Sentimos que vive em alguma parte.
Por vezes descerro a janela do apartamento
E deslumbrantemente contemplo voluptuosos contornos,
Mas ela não mora neste edifício, nesta cidade, neste país.
Princesa não é; nem atriz, certamente
Temos, entretanto, a certeza de que revelará sua face oculta à humanidade
E, no entanto, por fatalidade do destino,
Ninguém mais — exceto os poetas —
Acreditará na autenticidade de sua aparição.

ESTUDO SEMÂNTICO

1. **Adversativas**

Conjeturei um poema dizendo aquilo tudo que sei MAS
Um poema dizendo aquilo tudo que PORÉM
Poema dizendo aquilo tudo TODAVIA
Dizendo aquilo CONTUDO
Aquilo ENTRETANTO
Conjeturei NO ENTANTO

2. **Labiodentais e Bilabiais**

Vagabundos na praça

Vagas bandas no paço
Vacas bambas no pasto
Vácuos bombas na pasta
Fatos pompas na base
Fotos pampas na braça
Fetos plumas no baço

3. **Analogias**

I — Diagnóstico

Qual dos dois o louco?
Qual dos doidos o médico?
Qual dos loucos o doido?

II — Investigação

Qual dos dois o marginal?
Qual dos

PAISAGENS LÍRICAS

1. **Aquela em cujo olhar contemplativo**
Vejo a estrela cadente no horizonte de sua ausência;
Aquela em cujo sorriso distante
Pressinto o mar das tormentas
Para o navio perdido de minha alma;
Aquela em cujo pranto eu desesperaria;
Em cuja indiferença eu beberia o fel dilacerante da amargura
Para a qual o silêncio tem a dimensão da morte;
Só ela pôde dar-me o beijo esfusiante de contentamento;
Referto de paixão delirante
E que ficou em minha vida como fardo leve;
Que desceu sobre o desejo e o coração
Como implacável fatalidade;
Só ela há de me procurar o que por destino nos foi concedido.

- 2 **A tarde derrama os últimos lampejos,**
Afagando a noite em seus cabelos.
Na névoa de seus olhos mudos
Adivinho loucas aventuras, sem regresso,
De marinheiros errantes, na solidão de cais desertos.
E, no entanto, indiferente a tudo,
Ela não me ouve apelos de um naufrago
E segue em busca de um destino tão incerto.

3. **Hás de recordar o nosso breve adeus:**
Nem tudo que é breve é propício ao esquecimento
E nem sempre o tempo apaga o que a memória escreve.
Existiu em cada instante nosso a eternidade;
Um só segundo para nós foi como o sempre
E os teus olhos não me falaram desta súbita despedida.
Não, não havia natureza efêmera nos teus gestos;
Em tua voz não se prenunciava o nunca mais.
O sentimento há de perdurar nos corações
Como fonte inesgotável;
Como árvore fecunda, a paixão há de renovar-se cada dia.
Há sempre um adeus inesperado em minha vida...
Mas nem tudo há de ser passado:
Se a minha tristeza veio de tua tristeza,
Os nossos destinos — veleiros em meio à tempestade —
Hão de ancorar, sem leme, numa ilha qualquer;
Num mediterrâneo qualquer da desventura...

ÓRBITA

Como o plasma da mente em desvario,
Perambulamos atônitos desde os tempos primeiros,
Caminheiros errantes do destino,
A seguir, sem rumo, na existência afora.

Se, através das cordilheiras inóspitas,
O cataclismo atingir-nos os sentidos,
O ser não há de se extinguir na amplidão do Cosmos:
Haverá no espaço mais um meteoro a perseguir os séculos.

AINDA

Contudo ainda me chegas,
Em vulto ou em matéria inerte
E me incendeias de novo
E de novo me estrangulas os sentidos,
Mesmo em face das mãos vestidas de tempo,
Afora os olhos vendados de neblina
— Marcas do castigo que a memória impõe.

E sempre agonia e vida exatamente iguais:
O mesmo remorso defronte os abismos cotidianos;
A mesma refração diante do espelho opaco da retina
Não obstante os passos firmes da omissão,
Tirante a segurança do refúgio,
Ainda me descubro a máscara no âmago;
Ainda me chegas,
Em vulto ou em matéria inerte
E de novo me esfacelas de emoção o pensamento
E de novo me torturas de desgosto o devaneio.

POEMA ONÍRICO

1. No palácio do medo me foi dado entrar:
Aititudes vertiginosas de escadarias em caracois.
Loucamente aflito tento a fuga
E a mão nociva da inutilidade me estrangula...
Meu ser se dispersou
No abandono das coisas amontoadas;
Na incompreensão da fantasmagoria dos sonhos;
Na recordação medieval de portos e de navios
Carregados de bagagens empoeiradas
E muitos lenços acenando adeuses mediterrâneos.
Nas meditações sombrias da noite antiga
Ouço rufdos indefiníveis, indecifráveis...
Peçonhenta aranha morde-me o abdome
E a precipitação do vento arde em meus ouvidos:
Passos lerdos de mulheres olímpicas na noite antiga.
2. Na expectativa de quem vai levar uma punhalada
Tresvario de horrendos lobos no jardim.
Muita inércia imobiliza a força inútil.
Labaredas de fogo confundem-se com golfadas de sangue
E tudo é destruído: seres e árvores e automóveis.
Assaltou-me a sensação do vazio
De quem conhece verdades monótonas,
Num ambiente precelestes de flores, odores estonteantes
E a angustia de quem desperta de súbito num dia chuvoso.

NATALÍCIO FILHO

SOBRE NATALÍCIO FILHO

Márcio Catunda

(Confesso que o conheço)

O Natalício é um poeta introspectivo e magro, como todos os grandes bardos mastirizados por seu próprio destino. Ensimesmado e macambúzio, não é arredo, contudo. Esconde, por trás de uma falsa indolência, a inquietação que lhe mantém vivos os demônios do espírito.

Aparenta a tranquilidade de um guardador de rebanhos e, não obstante, está sempre atento para a realidade das coisas e dos fatos, que vislumbra com a argúcia de sua visão crítica. Em face de seu transcendentalismo subjetivo, as palavras que pronuncia parecem vir de longe, do âmago profundo, e soam cheias de lirismo inconformado, marcadas pelo travo da angústia.

Se me disserem que morta
Jaz a poesia, então eu
Cerrarei a última porta
Sobre um povo que morreu.

Humberto Lyrio

VOZES

Agora escuto que do silêncio parte
um grito em eco a correr distância.
Agora escuto, agora sinto, vagando
lento, um correr de vozes que emergem
vagas, do meu ser mais fundo...

Fort. 76

RELEMBRANDO

A João Batista Barroso

1

Hoje a noite a lua transpira brisa
e os edifícios aromatizam caatinga.
Onde foi deitar-se o cavalo da estrebaria
de meu avô?
Escuto o relinchar de cavalos
e há mugido de gado na noite!
O caboclo mata as horas no sertão
sonhando oasis.
D. Chica, na praia, perfila as ondas
do mar sob a lua amarela
Lembrando o marido morto.

2

A cidade é um mau sonho que estou tendo
e espero angustiado ser acordado pelo meu avô,
que a essas horas, manhã cedo,
tira leite de gado
e ralha com um dos netos brincalhão.

3

A cidade é um enorme navio que se fez ilha
e esqueceu o porto,
e eu me assemelho a um pirata esquecido
de si mesmo.
olhando a lua, na praia,
ao afago do amanhecer.

Fort. 12/10/77

AS NOITES DE ALGUÉM

Ao amigo Flaviano Teixeira

De noite quando eu durmo,
Eu não durmo bem.
Penso em quem não dorme,
na rua, ao chão...
Não me faz bem
dormir quando não dorme
Ninguém.

Ninguém é aquele alguém
que chamam de ninguém.
E eu não durmo só porque
Alguém não abre sua porta
para entrar Ninguém.

Ah se todos dormissem
à noite sob tetos
e ao amanhecer sorrissem
da aurora ao primeiro afeto!

Mas lá fora, na rua, suja, escura,
Ninguém não dorme.

Porque Alguém
dormir não o deixa
como ele à cama
um sono leve
de quem dorme bem.

Mas não dorme, não.
Se Ninguém não dorme,
bate ele à porta de Alguém
e dormir Alguém não pode
quando pensa que em frio,
lá fora, bate a porta
Ninguém.

26/03/77

EM 30 GRAUS

Minha amiga, ficaria em silêncio,
em silêncio eterno não resolvesse
eu, com esse poema confessar
a tão sentida distância nossa.

Estás aqui, bem perto... Sinto teu peito!
Mas este coração batendo,
esta alma tua indecisa de amor,
vai a outros sonhos e mundos que não os meus.

E assim pensando saudade sinto já
de ti e de mim, juntos.
O futuro que de amor ser-nos poderia
imaginando-o eu é saudade imaginá-lo.

(...)

Mas hoje separa-nos a vida...
sua metafórica senda a nós bifurcada fez-se.
nesses ponteiros do meu relógio marcando,
em 30 (graus), onze horas noturnas.

5/10/77

DO AMOR

Fala-me do amor
que eu te ouvirei amando.
Fala-me do amor
que eu te ouvirei falando
também no amor,
cantando também o amor...
Sozinhos, nós, na longitude
de nosso coração.

6/07/77

CRISTO DE PEDRA

A Sebastião G. Dutra

O teu silêncio de pedra tem a significação de tuas palavras
e o deserto de teus olhos sem imagens a esperança delas.

Fala Cristo meu, os segredos que me revelaste quando menino
que eu te ouvirei com as mesmas emoções de antes ao pé de ti.

Mas não, na mudez de teus lábios de pedra não fluem palavras
nem se criam imagens do paraíso que eu já desconheço!
Nos teus olhos agora estáticos não se movimentam as
grandes esperanças,
e tua solidão eterna acima do pedestal
nada me diz do que me disseste, nada me revela do que
me revelaste.

Somos duas estátuas unidas por lembranças antigas.
Tu ainda ouves os pássaros e os sentes pousando em teu ombro.
Eu somente sonho este mundo que ficou fixo nos meus olhos
antigos.

Somos duas pedras que se fitam, nada me dizes, nada te digo
e ficamos assim, eternamente pensativos, lembrando a Verdade
que fomos.

Fort. 2/01/77

UM PASTOR NO CAMPO

Dize-me pastor se a rama feita asfalto e
as árvores feitas prédios e os rios esgotos
têm a mesma harmonia e calma que sentes
sentado na relva descoberto ao céu!

6/09/77

CÁLCULOS NO AR

Ao amigo Nemésio Filho

Falsas afirmações de números e letras
que se guardam vivas na mente
cansada dos homens.

Falsa profecia de cálculos espaciais
com retas em planos, paralelas,
que atravessam o Infinito...

E a mão de Deus trêmula e
enrugada em vão sustenta
no seu espaço incógnito
o Universo dos homens...
e o relógio vibra nos segundos
infintos segredando com o Tempo
as descobertas da Geometria.

Falsas afirmações provindas
da esperança das raízes
e do engano das palavras
mortas e frias nos lábios matemáticos.

O homem pensa, mas sem nenhum sonho.
Vai da escuridão do Infinito
ao mísero abdômem de um verme
que o tem,

(...)

Ai esta solidão de máquinas
rangendo no espaço,
esta sombra de cabeças pensantes
eclipsando o brilho das estrelas.

/01/77

SOBRE O AMOR

“Se diante (dos amantes), deitados no mesmo leito, surgisse Hefestos” e lhes dissesse: “Porventura é isso que desejais, ficardes no mesmo lugar o mais possível um para o outro, de modo que nem de noite nem de dia vos separeis um do outro? Pois se é isso que desejais, quero fundir-vos e forjar-vos numa mesma pessoa, de modo que de dois vos torneis um só

Depois de ouvir essas palavras, sabemos que nem um só (dos amantes) diria que não, ou demonstraria querer outra coisa, mas simplesmente pensaria ter ouvido o que há muito estava desejando.”

(Aristófanes em “O Banquete” de Platão)

Refutando Aristófanes

Sermos dois eternamente.
Distintos os braços e as pernas.
O que importa que se comente
que um, dantes, fomos e apenas?

Sermos um em dois, diz Pessoa.
Um em dois podemos ser,
pois que minha alma ressoa
cheia de tua alma em mim (...)

Jamais nos fundirmos Um só.
Jamais amando, deuses nos confundir,
como a queremos nessa pele de pó
em Um apenas nos resumir.

Quero-te, mas a ti sem mim.
Sermos assim, dois, Um em dois,
olhando-se, amigos e amantes,
depois, mortos, sermos Um, mas só depois.

30/08/77

P O E M A

De uma portinhola eu escutava,
sem que ninguém soubesse, a chuva caindo.
Estava sozinho
e era noite aquela hora.

Talvez uma criança chorasse mais adiante.
Talvez um eremita igual a mim
soluçasse sua solidão.

Mas eu só escutava,
com os olhos tristes
e sem camisa,
a chuva caindo.

Talvez muito longe a cidade ouvisse
a chuva
e Alguém a meditasse.
Mas não pensava minha sombra
sob um candeeiro,
imaginando-a, a refletir a chuva:

A R U A L I B E R A T O B A R R O S O

Manhã de verão.
A rua Liberato Barroso sempre deserta.
Há carros, mas o que são carros!...
Vejo deserta a rua.
Ecos de mistério pressinto no ouvido!
O amigo Erasmo não passou para o trabalho.
Não foi Teita também.
E eu, na janelinha retangular,
primeiro andar de minha casa,
espio, cheio de espanto
a rua limpa, lisa, lavada de chuva.

Um mistério da vida:
A rua, o céu azul,
sem nuvens,
meu coração batendo
uma cantiga de solidão.

12/07/77

BARCO DE PAPEL

Ao poeta AMILCAR LOBO

Barco de papel da criança solitária.
Eu ontem vi, passando numa rua estreita
um mirim sem lar soltando barquinho de papel na sarjeta.
Chovera fazia pouco.
Sem sorrir à minha chegada a seu lado
pegando-lhe a cabeça,
deixou-se brincando com os olhos úmidos que eu vi,
com os olhos sem vida.

Barco de papel da criança sem mãe.

Sem sorriso.
Sem grito.
Sem zelo.

Cheio de amor, porém, ao barco de papel,
indo, vagaroso, na sarjeta.
Sumindo, longe, em pingo branco,
aos olhos solitários da criança contemplativa.

Ontem eu vi cruzando uma rua de interior
um infante assim, abandonando o barco de papel
como se abandonara a Emoção no Rio da Vida.

27/08/77

POEMA LÍRICO

Não me quiseste e eu silencieei por isso.
Porque vamos lado a lado no tempo e
não me quiseste.
Seriam horas apenas que passaríamos juntos.
As horas da existência.
Depois o tempo nos apagaria as horas
e desapareceríamos.
No entanto não me quiseste.
E eu olhei para as estrelas naquela
noite e elas piscavam indiferentes.
A lua não mudou a cor,
nem a terra estremeceu.
O Universo continuou o mesmo
e continuará enquanto nossa vida passa.
Na outra geração as estrelas e a noite
não confessarão tua recusa
nem deixarão de ser a mesma noite e as
mesmas estrelas.
E não me quiseste,
como se, com isso modificasses o mundo,
ferisses a lei universal...
No entanto as estrelas estavam frias no céu,
indiferentes à tua recusa...
E morreremos sem que o Universo se modifique
e vale bem a pergunta:
Que adiantaria mesmo nosso amor?

No entanto, cabisbaixo voltei para casa!

VIAGEM A PARIS

Ao poeta Cleser Campos

Esta é a bela Paris!
— Contempla-a, forasteiro!
Sem muito jeito os olhos contornam
lado a lado o que há para ver.
Muros gastos cercando silêncio,
uma noite escura guardando solidão.

Esta é Paris, a Cidade da Luz,
onde Baudelaire primeiro cantou,
onde Victor Hugo fez poemas,
e onde se deitou aqui, o Amor.
— Forasteiro, contempla Paris!
Com o coração abalado
e os sonhos desfeitos,
os olhos revolvem escombros sem par.
Muros antigos sob estrelas,
derruídos tijolos no abandono do tempo.

— Amigo, esta é Paris,
deita teu alforje,
encosta-te ao muro,
dorme e sonha a tua morta Paris!

S O B R E O S E R

Ao poeta e filósofo José Silva Novo

“Todo homem que for dotado de espírito filosófico há de ter o sentimento de que, atrás da realidade em que existimos e vivemos, se esconde outra muito diferente, e que, por consequência, a primeira não passa de uma aparição da segunda”.

(Nietzsche, “Origem da Tragédia”).

Quem sou que não me apresento?
Deveria bater à porta de minha vida!

(...)

Quando foi que me roubaram?!
Que Deus do oculto fez-me seu?
Será que só me deixaram
as indagações sem “eu”?!

Quero ter-me... adormeço.
No profundo sono de haver eu e o mundo
procuro-me e me desconheço
no sonho em que me inundo.

De carne e sangue, só, me apercebo
e de outra coisa não me faço concebido.

(...)

Nada sou, senão a fé de que sou
algo silencioso e escondido.

8/05/77

ELOGIO AO POEMA MODERNISTA

Estou farto do lirismo bem comedido (...)
Estou farto do lirismo namorador (...)
Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo difícil e pungente dos bêbados.

Manoel Bandeira "Poética"

Aquela criança, Bandeira,
que dorme sozinha à beira da praia,
não foi lembrada por Camões quando
escrevendo "Os Lusíadas" o fez obra universal.
Nem Goethe a relatou no seu "Fausto",
mas veja esse poema que não é universal
nem tem tendência.

Lembra aquela criança que anda agora
ao crepúsculo
de um lado ao outro
vendendo shampoo.

Terá pai?

Dinheiro onde arranjou?

É um pobre mirim sem lar
cujo céu, pelos românticos encantado
serve de teto... ou mortalha azul!(?)

Aquela criança, veja, risonha ainda
passando troco,
não tem lar nem tem pai...
Mas tem um poema,
mil poemas para gritar-lhe a solidão!

19/11/77

POEMA DA VIDA E MORTE

(...) Assim é a ação humana pelo mundo afora.
Nada tiramos e nada pomos; passamos e
esquecemos;
E o sol é sempre pontual todos os dias.

Fernando Pessoa

Antes de mim aconteceram primaveras
e outonos
e a realidade não era diferente.
Sinto-me feliz em saber
que nada no Universo mudou por eu ter
nascido como nada há de mudar
quando eu me for.

Continuará a haver gente
e esperança sobre a terra,
flores nos jardins
e animais nas selvas.
Os pássaros longe ou
sobre o meu túmulo cantarão
como se ele nada fôra
nem eu que amei a vida
e a alegria de ouvir pássaros
ao amanhecer!

14/11/77

